

## **A FORMAÇÃO DOS INDIVÍDUOS: A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO**

François Dubet

IN: *Revista Contemporaneidade e Educação*, ano 3, vol.3, 1998, p.27-33.

### **• DESINSTITUCIONALIZAÇÃO**

A palavra “desinstitucionalização” não é muito bonita, mas parece adequada para designar a mudança fundamental do modo de produção dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. Por muito tempo, consideramos a escola, a família e a Igreja como instituições. Na tradição clássica, cuja síntese foi feita por Parsons, a instituição era concebida como um conjunto de papéis e de valores “fabricando” indivíduos e personalidades. Como diz Elias, sobre o processo de civilização, os indivíduos tornavam-se cada vez mais autônomos, cada vez mais “intra-indeterminados” segundo Riesman, porque a forte interiorização de princípios gerais constituía um modo autônomo de ação e de julgamento de si e dos outros. Na instituição, a socialização dos indivíduos funciona como um processo paradoxal, através do qual o indivíduo se identifica primeiro com os outros, os adultos, depois com os valores nos quais os outros acreditam, porque as regras e as proibições impedem a criança e o jovem de se dissolver no amor do mestre, dos pais e dos adultos em geral. Parsons mostrou muito bem como a concepção freudiana da socialização influencia, em grande medida, esta representação geral.

A escola republicana francesa durante muito tempo correspondeu a esta definição, em razão da forte afirmação de seus princípios e de suas disciplinas. A relação pedagógica, através da aprendizagem de conhecimentos e de métodos, por meio da identificação do aluno com o mestre, direciona os alunos para os valores gerais, universais que devem moldar a personalidade dos indivíduos. Desse ponto de vista, a escola elementar republicana “fabricava” cidadãos franceses, o liceu profissional, operários e o liceu clássico, os homens de cultura. O mesmo raciocínio vale para a família e para a religião. A família é uma instituição, na medida em que os papéis sexuais e de idade se impõem aos indivíduos como realidades. A família moderna o é ainda mais, quando postula a adequação dos papéis e dos sentimentos. F. de Singly tem razão ao afirmar que, deste ponto de vista, a primeira metade do século foi a idade de ouro da família conjugal, porque ela repousava sobre a adequação dos papéis e dos sentimentos amorosos. Da mesma forma, a Igreja sempre procurou conciliar o dogma e a fé através de diversas composições sociais e da ação dos padres, mediadores entre Deus e os indivíduos.

### **• AS MUTAÇÕES DA ESCOLA**

Examinemos rapidamente o caso da escola. Na França, este arranjo escolar republicano foi, aos poucos, se desestabilizando e o mecanismo de formação dos indivíduos se transformou, dando

lugar, com frequência, ao sentimento de uma crise indefinida. Em primeiro lugar, os objetivos da escola perderam sua clareza e sua unidade: espera-se que a instrução socialize os alunos em uma cultura comum, que proporcione formações úteis para o emprego e, por fim, que permita o desenvolvimento da personalidade. Em outras palavras, a escola deve perseguir vários princípios de justiça, várias representações do bem que direcionam os atores para um debate, ao invés de estabelecer uma ordem estável e ordenada, em torno de finalidades homogêneas. Não se trata somente de estar de acordo com uma ordem legitimada por um conjunto de fins, mas é preciso combinar a procura de desenvolvimento e de autenticidade com a busca de utilidades escolares sobre um mercado de diplomas e de qualificações e o desejo de integração em uma cultura comum. Deste ponto de vista, a guerra dos deuses se adequa mal à institucionalização e os atores não podem se socializar em uma única procura de conformidade. Os adolescentes e os jovens conseguirão, de uma forma mais plena, construir experiências do que interiorizar papéis. A massificação escolar rompeu a ordem injusta que fazia com que a cada tipo de público correspondesse um tipo de escola. Quando a seleção social se situava antes da escola, a competição escolar era fraca e eram fortes os ajustamentos pedagógicos implícitos e evidentes. Atualmente, na escola de massa, esta seleção se faz no próprio percurso escolar, segundo um processo de “destilação fracionada” manifesta ou latente. Se é preciso se alegrar com os benefícios das conseqüências da massificação, é preciso também admitir que a escola funciona “como um mercado”, no qual cada um age em função de seus recursos, em uma concorrência surda entre os grupos sociais, as áreas de estudo e os estabelecimentos.

Enfim, a escola não pode mais ser tomada como uma instituição, na medida em que, cada vez mais tem dificuldade em administrar as relações entre o interior e o exterior, entre o mundo escolar e o mundo juvenil. É, em todo caso, uma característica do modelo francês que não oferece um verdadeiro enquadramento da vida juvenil e que, também, não consegue fixá-la fora de seus muros. Desde o ginásio (collège), a tensão entre o aluno e o adolescente está no centro da experiência escolar.

## **• DOS PAPÉIS À EXPERIÊNCIA**

Estas observações gerais não significam que a escola não seja mais uma instituição, porque a desinstitucionalização é progressiva e segue dois eixos: o primeiro é diacrônico, indo da escola elementar à universidade e o segundo é social, indo dos grupos mais favorecidos aos menos favorecidos.

A escola elementar permanece ainda, em grande medida, construída sobre o modelo da instituição. O aluno interioriza uma ordem escolar. Progressivamente, no curso dos últimos trinta anos, os professores aceitaram a idéia de que os alunos também são crianças. A figura do professor ainda é forte e o mundo infantil participa do mundo escolar. Entretanto, cada um sabe que a escola elementar já delinea as futuras carreiras escolares. As classes médias já exercem uma pressão para o êxito, que irá se acentuando, engendrando nas crianças um sentimento precoce de stress. Ao contrário, nas

classes populares os pais suspeitam que se reproduzem os mecanismos de fracasso e sua adesão aos valores da escola não impede uma desconfiança profunda. Assim, as crianças podem perceber a escola como uma violência. Os professores devem resistir a esta dupla lógica e ultrapassar sua convivência natural com as classes médias. É por esta razão que a escola elementar deve aprender a falar com os pais, não aos pais tal como deveriam ser, para condená-los, mas aos pais tal como são, para compreendê-los. De um lado, o utilitarismo e do outro, o sentimento de “violência”, começam a enfraquecer o modelo institucional.

Foi dito, com frequência, que o ginásio (collège) era o elo fraco do sistema escolar francês. Como não partilhar desta opinião? De um lado, o ginásio (collège) francês nasceu de uma ambigüidade fundamental: é, ao mesmo tempo, a escola primária superior que deve assegurar os conhecimentos de base a todos e o pequeno científico ( petit lycée) que proporciona os primeiros elementos de uma grande cultura e opera a seleção dos melhores. Muitos colegas não conseguem ultrapassar esta dualidade, como mostram os debates repetidos sobre a heterogeneidade dos públicos. Por outro lado, o ginásio (collège) é o momento em que a vida adolescente se confronta com a escola, e não é surpreendente que aí as violências escolares ocorram com mais frequência. De fato, tudo funciona quando as famílias, sobretudo aquelas de classe média, cumprem o seu papel, assegurando um controle e uma “motivação” que não são evidentes.

Do ponto de vista dos alunos, a construção da individualidade se realiza sobre um duplo registro. É preciso “crescer” no mundo escolar e naquele do adolescente. Alguns o conseguem com facilidade. Outros, ao contrário, vivem apenas em um destes registros. Então sua experiência escolar se desfaz, ela não tem mais muito sentido se os professores não são capazes, por seu engajamento e seu talento, de construir as motivações que, via de regra, não são oferecidas aos alunos. Isto se torna mais difícil na medida em que não estão numa idade em que a percepção da utilidade social dos estudos, obter um emprego e uma qualificação, seja suficiente para dar sentido à escola. Assim, o ginásio (collège) estabelece o divisor de águas e demanda uma mobilização dos professores e dos alunos bem mais sensível que em outros níveis.

No científico (lycée) as águas não são tão grosseiramente divididas. O jogo das áreas de estudo cria públicos relativamente homogêneos. A experiência do liceu torna-se mais autônoma e mais racional. Os alunos combinam sua vida juvenil e sua vida escolar. Mas devem também construir projetos, atribuir uma utilidade social a seus estudos, ao mesmo tempo que seus gostos intelectuais se afirmam. É o domínio desta experiência, mais do que a aprendizagem de um papel, que permite a formação dos indivíduos.

#### • DENTRO, AO LADO, E CONTRA A ESCOLA

A socialização não pode mais ser percebida, segundo Durkheim, Piaget ou Mead, como a aprendizagem de uma complexidade crescente de papéis, de status e de jogos sociais. A observação

final dos alunos conduz a uma outra imagem. Trata-se de um ator confrontado com uma grande diversidade de orientações, isto é, com certos antagonismos, e que é obrigado a construir por si mesmo o sentido de sua experiência. Como dizem os alunos, a grande dificuldade é se “motivar”, conseguir dar sentido aos estudos. Ora, este sentido se constitui na capacidade de articular vários registros de ação.

Os alunos devem construir uma relação de utilidade para seus estudos; devem estar à altura de estabelecer uma relação entre seus esforços e os benefícios que esperam em termos de posições sociais. É claro que esta relação é mais fácil de se estabelecer quando os atores se encontram no topo das hierarquias escolares, lá onde as esperanças de integração e de mobilidade são fortes. Ao contrário, é muito mais aleatório para os alunos cujos diplomas são objetivamente desvalorizados.

Devem, também, construir uma integração subjetiva no mundo escolar. Toda a sociologia da educação nos ensina que isto é muito melhor assegurado quando as culturas escolares e as culturas sociais estão próximas. Esta proximidade é, em grande medida, dada, mas ela procede também de uma mobilização do indivíduo e de sua família à integração subjetiva no mundo escolar. A capacidade de obter os currículos ocultos é também uma atividade do ator e, por isso, os professores demandam explicitamente a mobilização das famílias.

Enfim, a relação com os estudos é também construída em termos de interesse intelectual, de “vocação”, no sentido weberiano do termo. Esta é socialmente distribuída, mas também apresenta um aspecto aleatório e, para os alunos, o maior problema é o da conciliação de suas “paixões” com seus interesses.

É a combinação de todas estas variáveis que constitui a experiência dos atores, experiência subjetiva de formação de si, ela se forma entretanto em um contexto social que distribui desigualmente os recursos culturais e sociais.

Certos alunos, com frequência os mais favorecidos, se socializam e se subjetivam na escola. Eles se percebem como os autores de seus estudos, suas paixões e seus interesses convergem, têm o sentimento de se construir e de se realizar nos estudos. Outros alunos de liceu, ao contrário, vivem uma forte dissociação de seus gostos e de seus interesses. Não percebem qual a utilidade de seus estudos e engajam sua personalidade e inteligência em atividades não escolares. Nestes casos, os indivíduos se formam paralelamente à escola e se adaptam à vida escolar não se integrando. Conhecemos todos estes alunos que se colocam entre parênteses, que desenvolvem condutas ritualísticas, sem verdadeiramente jogar o jogo. Mas existem também aqueles que não podem jamais construir sua experiência escolar; que aderem com frequência aos julgamentos escolares que os invalidam e os conduzem a perceber, a si mesmos, como incapazes. Neste caso, a escola não forma indivíduos, ela os destrói. Enfim, alguns resistem aos julgamentos escolares, querem escapar e salvar sua dignidade, reagir ao que percebem como uma violência, retornando-a contra a escola. Eles se subjetivam contra a escola.

## • O PAPEL E A PERSONALIDADE

Apresentando os mecanismos da socialização de maneira grosseira, poder-se-ia dizer que no modelo institucional, a personalidade está por trás do “papel”. Nas instituições os atores são personagens sociais, professor, aluno, pai ... O problema central é o da distância do papel em relação à personalidade, aos sentimentos e às emoções. Mais precisamente, a imagem central das dificuldades da socialização é aquela da enorme pressão das normas, da neurose, fruto da interiorização excessiva dos papéis. O ideal é aquele da “vocação”, como adequação entre as expectativas sociais e a subjetividade, o que é verdadeiro tanto para a vocação conjugal como para a religiosa ou para a do professor. Um outro aspecto do problema é aquele da anomia, isto é, da ausência de controle interiorizado abrindo espaço para o reino destruidor dos desejos.

No curso dos processos de desinstitucionalização, a personalidade pensa antes do papel. É ela que constrói o papel e a instituição. Este movimento não é novo. Ele já foi há muito tempo descrito em termos de crise, de narcisismo, de individualismo. Os conservadores e os donos do pensamento crítico seguidamente o condenam. Os primeiros denunciam o reino dos desejos, os segundos, sua manipulação pelas indústrias culturais. Estes riscos existem, mas os dois tipos de análise não são aceitáveis, porque elas não compreendem o trabalho que os atores realizam sobre eles mesmos, a fim de se constituírem como atores para construírem seu modo social. Os indivíduos são, atualmente, “obrigados” a ser livres e a construir o sentido de sua experiência. Isto constitui o próprio movimento da modernidade. Examinemos, sumariamente, três exemplos.

O primeiro é aquele do papel do professor. Observa-se que desde que nos afastamos do mundo dos acordos sociais previamente estabelecidos, o professor é obrigado a construir a situação escolar antes mesmo de dar aula. Como deve “motivar” os alunos, é preciso que construa estratégias múltiplas e, sobretudo, que se coloque em cena, isto é, que engaje sua personalidade. Na escola de massa, a relação pedagógica é cada vez mais íntima e, de uma certa forma, cada professor e cada grupo de professores constrói a instituição.

A sociologia da família nos ensina a mesma coisa. Com a influência da escola sobre a reprodução social e o declínio das heranças, com a autonomia salarial crescente das mulheres, com o desenvolvimento da contracepção, a vida amorosa do casal e, portanto, o engajamento das personalidades no casal, tornaram-se fatores essenciais de construção e de estabilidade da família. Assim, quanto mais a família repousa sobre a afetividade, sobre o amor, mais ela se fragiliza, mais se elevam as taxas de divórcio e aumentam as famílias recompostas. Depois de ter conhecido uma família tradicional que separou o papel dos sentimentos amorosos, separação que constitui o princípio da produção romanesca, conhecemos a família moderna, instituição que repousa sobre a adequação dos papéis e dos sentimentos. Atualmente, são os sentimentos que suportam a instituição em nome da autenticidade dos indivíduos e de suas relações.

Podemos mostrar também que a vida religiosa contemporânea repousa sobre a separação do dogma e da fé. Todos os novos movimentos religiosos são definidos pela procura da realização da fé como experiência emocional imediata. Esta concepção não procede de um conservantismo religioso. Em todo caso, admite-se que a ética pessoal, a experiência moral própria, é superior à obediência ao dogma, simplesmente porque somos livres para crer ou para não crer.

\*\*\*\*

A desinstitucionalização é, com frequência, descrita como uma crise, um acidente: crise da escola, da família, renúncia dos pais ... É preciso mudar de perspectiva e analisar os processos reais de socialização como formadores de indivíduos. Evidentemente, a passagem do papel para a experiência não é feita sem riscos, notadamente para os mais desfavorecidos. Mas, ao mesmo tempo, estes perigos são o preço da autenticidade e da autonomia que são os princípios cardeais da modernidade cultural e da democracia. Sobretudo, não observamos movimentos de indivíduos “morais” reduzíveis a cruzadas morais conservadoras.

Atualmente, a educação perdeu sua ordem e sua unidade. Desde o ginásio (collège) as crianças se socializam e se formam como indivíduos, através do domínio mais ou menos vitorioso de sua experiência escolar. Acontece a mesma coisa com a escola, com a família e com a religião: a instituição tem um peso menor que os sentimentos pessoais ou que a fé. Espera-se da escola que cada um se aperceba, pouco a pouco, como o autor de seus estudos. Ora, é preciso admitir, sem que a escola seja sempre responsável, que estamos quase sempre longe disso, porque o equilíbrio sutil das finalidades da educação não é fácil de se realizar. Pode-se ter o sentimento de que se as classes médias são socializadas na escola, as classes populares resistem ou se calam, enquanto alguns ainda percebem a escola como uma ameaça. Pode-se, então, massificar a escola sem transformar profundamente as regras, os métodos e os objetivos? Atualmente a situação é quase sempre tão grave que os apelos aos princípios parecem magia.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Dubet, F. *Sociologie de l'expérience*. Paris, Ed. Du Seuil. 1994.
- Dubet, F.; Martucelli, D. *A l'école*. Paris, Ed. Du Seuil, 1996.
- Ehrenberg, A. *L'individu incertain*. Paris, Calmann- Lévy, 1995.
- De Singly, F. *Le soi, Le couple et la famille*. Paris, Nathan, 1996.
- Taylor, C. *The sources of the self*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- Touraine, A. *Critique de la modernité*. Paris, Fayard, 1992.